

Aspectos Ambientais nas Atividades dos Camelôs no DF

Gersi Luiz Cararo & Luiz Henrique Soares Lima

Resumo: Este trabalho pesquisou aspectos referentes a territorialidade, condição indispensável ao bem-estar físico e psíquico do indivíduo, no exercício da atividade de camelô. Formulou-se como hipótese que o uso habitual de determinado local criaria sentimento de domínio sobre essa área que passaria a se constituir como território próprio, para cuja defesa seriam adotadas atitudes assertivas e coercitivas. Um questionário, com 30 itens, foi aplicado a uma amostra de 30 camelôs lotados no Setor Comercial Sul, área central e de elevado fluxo de transeuntes em Brasília. O resultado obtido corrobora a hipótese que um relacionamento amistoso entre ambulantes garante a preservação de território público para fins particulares.

Usufruir da disponibilidade de um espaço pessoal, de uma territorialidade e de uma privacidade é condição indispensável ao bem-estar físico e psíquico do indivíduo. A limitação e ou precariedade na utilização de um território próprio para exercer domínio do meio externo é uma constante vivenciada pelos camelôs, ambulantes e feirantes, que provavelmente produz disputas pela obtenção e manutenção do território, gerando animosidade e desconforto.

Tendo em vista que o local e o espaço em que os camelôs montam as suas barracas, expõem suas mercadorias e exercem o seu comércio, é público, seria motivo de uma territorialidade fraca. Todavia a ocupação habitual e contumaz da mesma área ao longo de muito tempo, possivelmente cria o sentimento de territorialidade própria. A atitude na defesa desse espaço seria um indicativo daquele espaço adquirir as características de territorialidade própria.

Assim sendo, o presente estudo utilizou como referencial teórico o conceito de territorialidade definido por Gifford (1987, p.137) como “padrão de comportamento e atitudes mantidas por um indivíduo ou grupo, baseado no controle percebido, empreendido ou efetivo sobre o espaço físico, objeto ou idéia e pode envolver ocupações habituais, defesas, personalização e

marcação deste território.” E espaço pessoal que se “refere a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar”(Sommer, 1973, p 33). Ou ainda, como uma "zona com conteúdo emocional ao redor do corpo humano, que as pessoas sentem como se fosse o seu espaço."

Territorialidade e espaço pessoal diferenciam-se, no sentido que a territorialidade, em geral, refere-se a ambientes físicos, suas marcações e personalizações, tornando-se um ambiente visível aos indivíduos que interagem nesse território. O espaço pessoal, ao contrário, se apresenta, subjetivamente, na percepção e inter-relação pessoal.

Desta forma, a pesquisa teve como objetivo geral, avaliar os aspectos ambientais e relacionais na atividade dos camelôs no DF. Pretendeu-se identificar como é obtida, percebida e assinalada a territorialidade em área pública. Assim como, avaliar o grau de satisfação com o espaço utilizado e o nível de relacionamento com a vizinhança, concorrente desse espaço. Buscou-se também avaliar o grau de satisfação e motivação com a atividade de camelô e que outras percepções de aspectos positivos e negativos do território utilizado são apontadas por eles.

Restringindo-se, no entanto, a verificar as seguintes hipóteses:

1. O uso habitual de determinada área cria a noção de domínio sobre ela, estabelecendo-se como territorialidade própria.
2. A invasão desse território gera conflito entre “proprietário” e “invasor”, para cuja defesa pode ser utilizada agressividade e ou violência.

METODOLOGIA

Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa 30 donos ou sócios de barracas, de ambos os sexos, com predominância de homens, 65 %. A média de idade foi de 34 anos e 7 meses (d.p. = 8 anos 5 meses; mínimo = 17 anos e máximo 47 anos). O nível

A Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental reproduz trabalhos de alunos das disciplinas Psicologia Ambiental e Psicologia Social. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas. Frequentemente, foi a primeira pesquisa realizada pelos autores.

Sobre o autor: Ao desenvolver este trabalho os autores eram alunos da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pela mestranda Ludmila Fernandes da Cunha sob a orientação do professor Hartmut Günther, durante o segundo semestre de 2001

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; hartmut@unb.br - www.psi-ambiental.net

Como citar

Cararo, G. L., & Lima, L. H. S. (2001). Aspectos Ambientais nas Atividades dos Camelôs no DF. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, N° 03*. Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

de escolaridade dos respondentes variou de analfabetismo a ensino médio, sendo que 59,3 % concluíram o ensino fundamental.

Instrumento

Os dados foram levantados mediante a aplicação de questionário, no local de trabalho dos camelôs, sendo 15 respondentes nas barracas montadas nas calçadas em frente e ao lado do Hospital de Base e 15 no Setor Comercial Sul, próximas à agência do Banco Regional de Brasília.

Foi utilizado um roteiro de entrevista com perguntas abertas, fechadas e de múltiplas escolhas, com conteúdo referente a aspectos relativos ao espaço, a atividade, as relações e às percepção do uso do espaço.

O instrumento de pesquisa composto de trinta itens foi construído a partir de suposições e inferências fundamentadas nas hipóteses levantadas pelo grupo de pesquisa. Não houve validação semântica dos itens por falta de tempo hábil à construção do instrumento (ver Anexo).

Procedimento

O questionário foi aplicado mediante a abordagem pessoal, aos donos das bancas, onde foi feita a apresentação pessoal como estudantes da UnB, com a exibição da carteirinha, e a solicitação da colaboração na pesquisa sobre aspectos referentes à atividade de camelô, somente para efeitos pedagógicos. Afirmava-se que a entrevista seria breve e não atrapalharia as vendas. A grande maioria concordou e respondeu as perguntas do questionário, questionadas oralmente, tendo em vista a probabilidade da existência de analfabetos ou semi alfabetizados entre os respondentes.

Análise de Dados

Para a análise de dados foram construídos dois escores com o objetivo de verificar as hipóteses formuladas. O primeiro escore agregou itens com conteúdo referente à territorialidade. Os itens agrupados no escore 1 foram os de número: 09, 11, 14 e 19 (apresentados no questionário em anexo). A construção do escore 2 baseia-se segunda hipótese, portanto, agregou itens relativos à invasão territorial na área de comércio ambulante. Os itens formadores do escores foram as questões 15, 16, 17, 18 e 22.

RESULTADOS

De acordo com as hipóteses levantadas de 1- “O uso habitual de determinada área cria a noção de domínio sobre ela, estabelecendo-se como territorialidade própria” e com a construção do escore para a sua verificação a análise de dados propiciou o seguinte resultado:

Tabela 1 (Hipótese 1)

	N	Mín	Máx	Média	dp
Escore de Territorialidade	30	9.00	16.00	11.60	1.81

Os dados obtidos e analisados a partir da hipótese 2 - A

invasão desse território gera conflito entre “proprietário” e “invasor”, para cuja defesa pode ser utilizada agressividade e ou violência resultou na Tabela 2:

Tabela 2 (Hipótese 2)

	N	Mínimo	Máxim o	Média	Desvio- padrão
Escore de vizinhança	30	700	1600	1137	217

Deve-se ressaltar, a partir da análise das tabelas 1 e 2, que os dados apresentaram um baixo índice de desvio-padrão e, dessa maneira, demonstra homogeneidade na avaliação dos aspectos pesquisados entre os ambulantes daquelas regiões.

DISCUSSÃO

Pode-se, portanto, ressaltar dois resultados importantes após a análise de dados. O primeiro aspecto, que confirma a hipótese levantada, de que uso habitual de determinada área cria um certo domínio sobre ela, estabelecendo-se como território próprio, é de alta significância e demonstra a apropriação de espaço público para fins particulares. Os ambulantes entrevistados têm consciência que a área utilizada por eles é pública, em geral, não utilizam marcas (aspecto evidenciado pela item 13 do questionário) para delimitar seu espaço justamente por se tratar da natureza pública da localização, entretanto se julgam com privilégios para utilizar a área, provavelmente legitimada pelo tempo que mantêm banca no mesmo local (53,3% dos ambulantes entrevistados utilizam a mesma área por um período maior/igual a 3 anos).

Por outro lado, verificou-se que a necessidade de garantir o espaço leva os camelôs a construírem um clima amistoso entre os vizinhos, parceiros na preservação da área. Os itens de vizinhança presentes no questionário apontam indícios de uma convivência pacífica e amistosa, que dificilmente se encontra em regiões onde se têm grandes disputas territoriais. Desta forma, a hipótese 2 deve ser desconsiderada devido aos resultados alcançados no escore 2.

Quanto à metodologia utilizada deve-se evidenciar que o instrumento utilizado não é o mais viável para a coleta de dados entre camelôs. O questionário apresentou itens que foram desconsiderados devido à má formulação da pergunta, utilizando-se termos rebuscados de difícil interpretação para indivíduos de baixa escolaridade, e inadequação de respostas (em alguns itens as respostas não davam a possibilidade de negação da pergunta ou a escala não estava adequada à espécie de indagação). De certa maneira, este aspecto inviabiliza a construção de hipóteses, porque não se sabe até que ponto a resposta do sujeito é fidedigna. Seria mais pertinente a utilização de um instrumento auto-explicativo e de simples interpretação.

Sugere-se, portanto, que futuros estudos com ambulantes formulem uma metodologia para coleta de

dados adaptada à maioria da população pesquisada (1º grau completo) e que focalizem o fator vizinhança entre os camelôs para que, assim sendo, se possa traçar com clareza os motivos pelo qual é possível encontrar uma política da “boa vizinhança” em região de grande disputa territorial.

REFERÊNCIAS

- Gifford, R. (1987). *Environmental psychology: Principles and Practice*. Boston: Allyn and Bacon.
- Sommer, R. (1973). *Espaço Pessoal* (D.M. Leite, Trans.). São Paulo, SP: EDU – EDUSP

ANEXO

Itens do Questionário

1. Há quanto tempo é feirante?
2. Há quanto tempo mantém banca nesse local?
3. Com que regularidade o senhor está neste local exercendo o seu comércio?
4. Qual o tamanho da área que o senhor ocupa?
5. Dispõe sempre desse espaço?
6. Está satisfeito com esse espaço?
7. Como foi a obtenção desse local?
8. Está satisfeito com esse local ou gostaria de montar banca noutro local?
9. Como será a sua reação se alguém chegar mais cedo e ocupar essa área?
10. Que seria capaz de fazer para garantir o seu espaço?
11. Senhor acha que tem preferência na utilização dessa área?
12. Esse espaço tem algo que o identifica?
13. Que marcas o senhor utiliza para delimitar o seu espaço?
14. Gostaria de deixar assinalada essa área para que ninguém se apossasse dela?
15. Senhor acha que as bancas deveriam estar mais afastadas uma das outras?
16. O senhor se incomoda quando montam a banca muito próxima da sua?
17. Sua relação com os vizinhos de banca é:
18. Os seus vizinhos habituais ajudariam a preservar a sua área evitando que alguém monte barraca em sua área?
19. O senhor diminuiria seu espaço para que outra pessoa pudesse colocar uma banca nova a seu lado?
20. O senhor gosta do que faz?
21. O senhor trocaria esse trabalho por um emprego com o mesmo salário e a mesma quantidade de horas trabalhadas/dia?
22. Há respeito mútuo pelos fregueses, no sentido de não tirar o cliente um do outro?
23. A fiscalização o perturba nesse local?
24. Quais os fatores que causam mais estresse?
25. As condições ambientais: sol, chuva, calor, frio, instalações sanitárias o perturba?
26. Quais os aspectos mais favoráveis desse local?
27. Quais os aspectos desfavoráveis desse local?

Idade, sexo, escolaridade